

O Jornal *A Noite* e as Eleições de 1962 – O Jornalismo e o Papel dos Intelectuais

Verônica Dalcanal*

Resumo: O jornal *A Noite* foi um dos órgãos de mídia impressa mais influentes da primeira metade do século XX no Rio de Janeiro. Fundado em 1911, ele chegou a ter tiragens de 200 mil exemplares diários, mas enfrentou diversos problemas econômicos e parou de circular em agosto de 1964. Dois anos antes, o jornal já demonstrava dificuldades. Tinha cerca de 20 páginas e não era publicado aos domingos. Apesar disso, participou ativamente da cobertura jornalística das eleições de 1962, quando foi envolvido em um escândalo. *A Noite* foi acusado de ter recebido cinco milhões de cruzeiros para reproduzir em suas páginas a linha política da *Incrementadora de Vendas Promotion*, uma agência de publicidade ligada ao Instituto Brasileiro de Ação Democrática, mais conhecido na época pela sigla IBAD. O Instituto ajudou a financiar campanhas de muitos candidatos contrários ao governo de João Goulart e à política trabalhista do PTB nas décadas de 1950 e 1960.

Durante os meses de agosto, setembro e início de outubro de 1962, período em que foi arrendado pela *Promotion*, o jornal publicou editoriais e notícias que defendiam a linha política conservadora do grupo. A estratégia principal era associar o trabalhismo do PTB ao comunismo, com o intuito de provocar o medo de um golpe de estado na população. O partidarismo da imprensa já foi, e ainda é, tema de muitos estudos no Brasil. Jornalistas e donos de jornais são acusados de serem parciais em suas coberturas eleitorais e favorecerem candidatos ligados a interesses de grupos políticos ou econômicos dominantes. Para a bibliografia que estuda o assunto, até as décadas de 1950 e 1960 era comum que mesmo os jornais importantes defendessem explicitamente seus interesses eleitorais.

Com o jornal *A Noite* não foi diferente, ele participou das disputas pela opinião dos leitores nas edições lançadas durante o período eleitoral de 1962. Considerando este fato, o objetivo do presente trabalho é lançar luz sobre a atividade intelectual dos jornalistas de *A Noite*. Eles atuaram na adequação das notícias, na redação dos editoriais, na crítica das idéias e personagens políticos da época, de forma a defender as concepções dos empresários representados pela *Incrementadora de Vendas Promotion*. Através da análise dos discursos impressos no jornal, foi possível perceber a inclinação política de *A Noite* no período analisado, chegando à conclusão de que o jornal intensificou sua política de oposição ao PTB e a João Goulart durante o período em que esteve arrendado pela *Promotion*. Utilizando o conceito de intelectual orgânico do cientista político italiano Antonio Gramsci, pode-se analisar de maneira mais completa o trabalho destes e de outros jornalistas na tentativa de argumentação e convencimento dos seu público leitor, uma contribuição importante para os estudos do jornalismo e do papel político dos intelectuais no século XX.

Palavras-chave: Intelectuais, Jornalismo, História da Imprensa, Política Brasileira, jornal *A Noite*, Eleições de 1962.

O jornal *A Noite* foi fundado em 18 de junho de 1911 e teve sua última edição publicada em agosto de 1964. Durante este período sua linha política e editorial mudou muito. Fundado por Irineu Marinho, deixou o cargo de secretário-geral da Gazeta de Notícias por desentendimentos com a direção do jornal, *A Noite* começou sua trajetória com uma posição política contrária ao Marechal Hermes da Fonseca, presidente entre 1910 e 1914.¹ Em 1925, porém, com a saída de Irineu Marinho, que iria fundar o jornal *O Globo*, *A Noite* sofre uma série de mudanças. Uma assembleia-geral extraordinária foi convocada e admitiu a entrada de Geraldo Rocha, que se tornou diretor-presidente e geriu a expansão do jornal. Também foi ele quem se empenhou pela inauguração da nova sede do jornal, na Praça Mauá, o primeiro arranha céu da cidade, com 22 andares e projeto do francês Joseph Gire, o mesmo do Copacabana Palace. A sede foi inaugurada em setembro de 1929, o jornal ocupava cinco pavimentos do edifício, um deles inteiramente destinado à redação e à administração do jornal². O diretor-presidente também imprimiu sua marca na linha política do jornal, que passou a defender as oligarquias dominantes do país.

Em 1930, Geraldo Rocha envolveu o jornal na eleição presidencial de 1930, apoiando Júlio Prestes, o candidato de São Paulo, contra a candidatura de Getúlio Vargas, então governador do Rio Grande do Sul. Vargas chegou ao poder, o que deixou *A Noite* em uma posição desfavorável. Além disso, a compra do terreno e a construção do edifício endividaram o jornal, que acabou sendo absorvido pela Companhia Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande, empresa mais conhecida como *Brazil Railway Company*.³ Em pouco tempo Geraldo Rocha teve que deixar *A Noite*, fazendo com que o jornal passasse por novas mudanças.

A Noite passou então às mãos de Guilherme Guinle, presidente da Brasil Railway, que colocou Carvalho Neto, funcionário do jornal, como diretor. Nesta terceira fase, o jornal cresceu e gerou frutos. Foram criadas as revistas *Cariocas* e *Vamos Ler* e a tiragem do jornal foi expandida. Também foi nesta fase que *A Noite* criou a *Rádio Nacional*.⁴ Apesar do crescimento tanto do jornal, quanto da rádio, o governo Getúlio Vargas instituiu o decreto-lei 2043, em 8 de março de 1940, incorporando ao Patrimônio da União todo o acervo das Sociedades *A Noite*, *Rio Editora* e *Rádio Nacional*, devido principalmente às dívidas da Brasil Railway com o Tesouro Nacional⁵.

Com a encampação, a administração do jornal ficou com o coronel Luís Carlos da Costa Neto, e a direção com André Carrazzoni. Mais uma vez o jornal mudou a sua linha política e se transformou numa espécie de diário oficial do governo. *A Noite* viveu um novo período de crescimento.⁶ Com a queda de Vargas, no entanto, a situação piorou muito, fazendo com que perdesse a função estratégica que tinha para o governo. Em 1946, o presidente Dutra promulga um decreto-lei que autorizou o arrendamento do jornal para uma sociedade anônima formada por ex-empregados. Segundo o decreto-lei o arrendamento duraria 15 anos, mas o jornal saiu de circulação antes disso, em 1958, devido a problemas financeiros.⁷

Em dezembro de 1959 o jornal voltou a circular no Rio de Janeiro, ainda comandado por ex-funcionários. Em setembro de 1962 o jornal saiu da condição de divulgador de notícias e vai parar nas manchetes de outros jornais. O *Última Hora* publicou uma denúncia de Leonel de Moura Brizola informando que a *Incrementadora de Vendas Promotion*, e indiretamente o IBAD, havia comprado o direito de definir a linha política de *A Noite*. A denúncia foi investigada um ano depois, pela Comissão de Inquérito Parlamentar sobre as ações do Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES) e do IBAD, conhecida como *CPI do IPES e IBAD*.⁸

Faz parte do processo uma carta de 2 de agosto de 1962 de Frederico C. Mello, então presidente de *A Noite*, comprometendo-se a adequar os textos publicados pelo jornal à linha política da *Promotion*, caso a empresa se compromettesse a pagar CR\$2.000.000,00 mensais durante dois meses e meio, chegando a um total de CR\$5.000.000,00. O compromisso se iniciaria em agosto, prolongando-se até o dia 15 de outubro de 1962⁹. Durante este período, o jornal manteve uma linha política fortemente contrária ao governo João Goulart e ao trabalhismo, alinhados com as posições do IBAD e da *Incrementadora de Vendas Promotion*.

A estratégia principal era associar o trabalhismo do PTB ao comunismo, causando o medo na população. Na capa da edição do dia 1º de setembro de 1962, uma das manchetes alertava: “Denúncia do governador Carlos Lacerda em S. Paulo”. O texto logo abaixo do título continua: “O Governador Carlos Lacerda afirmou ontem, em São Paulo, que o Govêrno Federal está montando um golpe para ser deflagrado entre 10 e 15 do corrente, manobra fabricada pelo ‘Presidium’ comunista dos srs. João Goulart e Brochado da Rocha, em Brasília”.¹⁰ O combate ao “perigo comunista” fazia parte da cultura política da época, ou seja, dos valores e das identidades políticas da sociedade. Os jornais do período mostram o intenso debate em torno desta questão, como forma de pressionar publicamente o governo João Goulart.

Para José Marques de Melo, no livro *A Opinião no Jornalismo Brasileiro*, os textos de imprensa podem ser divididos entre jornalismo informativo, composto por notas, notícias, reportagens e entrevistas; e jornalismo opinativo, exemplificado pelos editoriais, comentários, artigos, resenhas, colunas, crônicas, caricaturas e cartas. Apesar disso, segundo o autor, todos os textos jornalísticos têm uma dimensão ideológica, e não podem ser puramente informativos e isentos de opinião. Assim, não são apenas nos textos opinativos que o jornal *A Noite* se alinhava à *Incrementadora de Vendas Promotion*, mas também nos informativos, nas fotos e imagens dispostas na capa, nos títulos das matérias, nas manchetes, etc. Em praticamente todos os textos do noticiário político é possível perceber a orientação do jornal, as idéias e correntes políticas atacadas ou defendidas por ele.

A parcialidade ou o partidarismo da imprensa e da mídia brasileira de uma forma mais geral são tema de muitos estudos no Brasil e no mundo. Jornalistas e donos de jornais são acusados de serem parciais em suas coberturas, especialmente nos períodos eleitorais, e favorecerem candidatos ligados a interesses de grupos políticos ou econômicos dominantes. Para a bibliografia que estuda o assunto, até as décadas de 1950 e 1960 era comum que mesmo jornais importantes e já estabelecidos no mercado editorial defendessem explicitamente seus interesses eleitorais. Com o jornal *A Noite* não foi diferente. É importante deixar claro, no entanto, que não se propõe aqui a existência de uma relação causal e direta entre a mensagem do jornal e a atitude política do seus leitores, onde a divulgação de uma notícia ou idéia teria provocado necessariamente a alteração da intenção de voto da população neste ou naquele candidato.

Apesar disso, é inegável o poder dos meios de comunicação de massa em pautar as discussões públicas da sociedade. Ao selecionar os acontecimentos e os personagens que serão conhecidos pelo grande público, avaliar e criticar idéias políticas e oferecer uma interpretação sobre as notícias, a mídia acaba por elencar assuntos e questões para a sociedade. *A Noite* vai ter esta função para a *Incrementadora de Vendas Promotion*, destacando os acontecimentos e os personagens os quais a agência considerava que deveriam receber destaque e serem discutidos positiva ou negativamente no jornal. Trata-se, portanto, de lançar luz ao trabalho intelectual dos jornalistas de *A Noite* em suas tarefas cotidianas: na adequação das notícias, na redação dos editoriais, na crítica das idéias e personagens políticos da época, de forma a defender as concepções dos empresários representados pela *Promotion*.

Ao defender pontos considerados pela agência *Promotion* como merecendo relevância na vida política brasileira, os jornalistas de *A Noite* atuam como intelectuais orgânicos, se considerados dentro da perspectiva do cientista político italiano Antonio Gramsci¹¹. O autor atribui ao processo histórico a criação de diversas categorias intelectuais, destacando duas como as mais importantes: os intelectuais orgânicos e os tradicionais. De forma resumida, podemos dizer que os intelectuais de tipo orgânico são originários de um determinado grupo social e atuam dando-lhes homogeneidade e consciência da sua função econômica, social e política. Os intelectuais do segundo tipo, ou seja, os tradicionais, teriam surgido ligados a estruturas sociais, políticas e econômicas anteriores, tendo por isso certa independência e autonomia frente ao grupo hegemônico da sociedade. É possível perceber, através desta oposição, a vinculação entre os intelectuais orgânicos e o grupo social no qual se originaram ou ao qual estão ligados através de laços de dependência.

Vistos sob este ponto de vista, os jornalistas de *A Noite* podem ser considerados como intelectuais orgânicos, pois fazem uso de suas atividades e saberes intelectuais de forma atrelada a um determinado grupo econômico e político (os empresários ligados à *Promotion* e ao IBAD). Desempenharam, assim, uma função orgânica do grupo. Eram responsáveis pela organização da sociedade em geral, através da divulgação de idéias e valores, para que pudessem ser criadas condições favoráveis ao crescimento da *Promotion* e do IBAD. Ao atacar os políticos trabalhistas e defender o grupo conservador, como acontecia diariamente em suas páginas, *A Noite* atuou intelectualmente para fortalecer seus financiadores e enfraquecer os opositores do grupo, propiciando um maior espaço de crescimento para os interesses políticos do IBAD.

Esta análise do jornalista como intelectual orgânico é possível graças ao conceito expandido de Gramsci sobre o intelectual e seu papel na sociedade. O autor trabalha com um conceito de intelectual e de trabalho intelectual bastante amplo. Para ele, todos podem ser intelectuais, embora nem todos desempenhem a função de intelectuais na sociedade. Podemos, portanto, falar em graus diversos de atividade intelectual, mas não podemos falar em não-intelectuais.

“Todo homem, fora de sua profissão, desenvolve uma atividade intelectual qualquer, ou seja, é um ‘filósofo’, um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção de mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou para modificar uma concepção do mundo, isto é, para promover novas maneiras de pensar”¹².

O trabalho de Gramsci deu uma importante contribuição para a discussão sobre o papel do intelectual nas diversas sociedades, sua atuação política e vinculações institucionais, sociais e econômicas. Para além dos prejuízos que uma visão demasiadamente categorizada deste grupo em orgânicos e tradicionais pode trazer para a compreensão de sua ação na duração histórica, esta distinção é importante para compreender a atuação dos jornalistas nos debates políticos do passado, como o ocorrido nas páginas do jornal *A Noite*. Nele, de forma mais explícita, um jornal foi pago para que seus jornalistas executassem o trabalho intelectual de defender idéias e posições políticas, em detrimento de outras, e atacar o governo com o objetivo de criar as condições para o pleno desenvolvimento das atividades econômicas e políticas de um grupo de empresários, organizados através do IBAD e da sua versão publicitária, a *Incrementadora de Vendas Promotion*.

Outros autores também escreveram trabalhos importantes sobre a atuação política dos intelectuais e muitos trazem contribuições para o estudo dos jornalistas de *A Noite* na perspectiva de sua atuação intelectual. Segundo o filósofo político italiano Norberto Bobbio, o debate “entre intelectuais a respeito dos intelectuais, isto é, a respeito de si próprios, não têm trégua”¹³. Para ele, os intelectuais sempre existiram e é seu papel exercer poder ideológico

sobre as pessoas. Este poder é exercido através da “produção e transmissão de idéias, de símbolos, de visões do mundo, de ensinamentos práticos, mediante o uso da palavra”¹⁴. Vistos sob esta perspectiva, os jornalistas de *A Noite* procuraram transmitir através da palavra uma série de idéias políticas, como forma de exercer um tipo de poder ideológico sobre o seu público leitor.

“Toda sociedade tem os seus detentores do poder ideológico, cuja função muda de sociedade para sociedade, de época para época, cambiantes sendo também as relações, ora de contraposição, ora de aliança, que eles mantêm com os demais poderes. (...) Nas democracias modernas, que são sociedades pluralistas, o poder ideológico está fragmentado e se exerce nas mais diversas direções”¹⁵.

Estudando as relações entre linguagem e ideologia, José Luiz Fiorin consegue verificar o lugar das determinações ideológicas no complexo fenômeno da linguagem¹⁶. Para ele, a linguagem sofre determinações sociais, o que a insere no campo da ideologia, mas também tem certa autonomia das formações sociais. Por isso, tão importante quanto não considerá-la algo desvinculado da vida social, é não reduzi-la apenas ao nível ideológico. Ao analisar os textos publicados pelo jornal *A Noite*, no que tange à sua orientação ideológica, foi importante ter as relações entre linguagem e ideologia em mente. Através da linguagem, os jornalistas deste veículo de comunicação procuraram veicular mensagens contrárias a João Goulart, associando-o a uma visão de mundo comunista. Também houve um recurso frequente ao perigo de um golpe de estado, da tomada de poder pela força, procurando espalhar a insegurança. Estes dois recursos são utilizados por vezes de forma sutil, outras de forma mais evidenciada, o que foi percebido através da análise dos discursos veiculados pelo jornal.

Para José Luiz Fiorin, o discurso consiste na combinação de elementos linguísticos com o objetivo de exprimir os pensamentos que o autor do discurso tem sobre o mundo interior e exterior. Segundo o autor, o discurso tem uma estrutura de idéias e palavras, não é apenas um amontoado de frases, e possui uma sintaxe e uma semântica. Através da sintaxe discursiva, o emissor da mensagem utiliza artifícios argumentativos para criar efeitos de sentido. No texto jornalístico, por exemplo, a primeira pessoa do singular, eu, não é utilizada na maioria dos textos noticiosos. A sua substituição pela terceira pessoa, ele, torna o texto mais impessoal e dá a sensação no leitor de que o emissor diz a verdade, ou o que realmente aconteceu. Estes elementos sintáticos podem ser manipulados conscientemente pelo emissor da mensagem ao construí-la. Já a semântica discursiva abarca os conteúdos investidos nos moldes sintáticos abstratos. Eles surgem a partir de outros discursos já construídos, cristalizados e cujas condições de produção foram apagadas. Assimilados por cada homem durante a sua educação, eles ajudam a construir a sua consciência e sua maneira de pensar o mundo. Por isso, a semântica discursiva faz parte das determinações inconscientes do discurso. Segundo Fiorin, a semântica discursiva é o campo da determinação ideológica.

Pesquisando o jornal *A Noite* durante as eleições de 1962 é possível perceber alguns elementos da sintaxe discursiva, como por exemplo a preferência pelo discurso direto, em detrimento do indireto, para criar o efeito de verdade quando o redator cita trechos de depoimentos de políticos. Ao mesmo tempo, a estratégia jornalística de não utilizar a primeira pessoa nos textos informativos e opinativos também é um elemento da sintaxe discursiva, utilizada conscientemente para criar o efeito de objetividade da notícia. O campo da semântica discursiva também foi percebido durante a análise das matérias publicadas em *A Noite* no período eleitoral. As idéias e visões de mundo que podem ser percebidas no jornal estão dentro de perspectiva conservadora da política da época, especialmente no que diz respeito ao tratamento da política de governo de João Goulart. Há a forte tendência de percebê-lo como um problema para o futuro do país.

Ainda de acordo com o trabalho de Fiorin, a formação ideológica de um dado grupo pode ser compreendida como a visão de mundo dividida pelos seus componentes, ou seja, as idéias e representações que determinam a forma como as pessoas de um determinado grupo percebem a realidade. Esta visão de mundo não está desconectada da linguagem. Ela não existe fora da linguagem, já que é através dela que estas idéias e representações são transmitidas. Por isso, para o autor, existe uma correspondência entre a formação ideológica e a formação discursiva. Esta última sendo compreendida como um conjunto de temas e de figuras que materializa as visões de mundo. Em um texto, o homem organiza os elementos de expressão que estão à sua disposição para veicular o seu discurso.

No nível do discurso, para Fiorin, o homem está preso aos temas e às figuras das formações discursivas existentes na formação social a qual está inserido. Desta forma, podemos dizer que os jornalistas de *A Noite* estão presos às formações discursivas da época e do local em que viveram, os anos 1960 no Brasil, e atuaram dentro desta perspectiva. Havia uma oposição entre as visões de mundo conservadora e trabalhista no início dos anos 1960, esta última representada pelo grupo político de João Goulart. *A Noite* se coloca ao lado do grupo denominado de conservador neste trabalho, utilizando na sua produção textual as formações discursivas deste grupo. São exemplos destas formações discursivas associar o trabalhismo ao comunismo e estimular o medo de um golpe político no país, práticas comuns nas páginas do jornal durante a campanha eleitoral.

Refletindo sobre o uso da linguagem ideologicamente, é a definição de Bobbio sobre o papel dos intelectuais no uso do poder ideológico, chegamos a conclusão de que a imprensa, graças a sua atividade na divulgação de notícias e opiniões, é um dos atores que utilizam o poder ideológico nas democracias modernas. Os meios de comunicação têm uma função importante na difusão de acontecimentos, idéias e comportamentos, além da construção da imagem pública de personalidades, políticas ou não, nas sociedades contemporâneas. Esta característica lhes dá uma posição de destaque entre os mecanismos de transmissão do poder ideológico. Apesar disso, segundo Bobbio, em uma sociedade que produz uma quantidade praticamente infinita de jornais, livros, debates e transmissões de rádio, entre outros, o público que tem acesso a todas estas formas de informação acaba por se tornar menos ingênuo e aprende a se defender no mundo das palavras.

Ao discutir as atitudes que os intelectuais devem tomar diante da sociedade contemporânea, Bobbio alerta para o duplo perigo que se coloca no seu caminho quando exerce este tipo de função.

“Se o homem de cultura participa da luta política com tanta intensidade que acaba por se colocar a serviço desta ou daquela ideologia, diz-se que ele trai sua missão de clérigo (...) Mas se, de outra parte, o homem de cultura põe-se acima do combate para não trair e se ‘desinteressar das paixões da cidade’, diz-se que faz obra estéril, inútil, professoral”¹⁷.

Para Bobbio esta discussão está ligada à relação entre a teoria e a práxis, ou seja, entre o mundo das idéias e o mundo das ações. O intelectual é exclusivamente um homem da teoria e das idéias, ou é também ativo no mundo da prática e das ações? Para o jornalista esta também é uma questão cotidiana, especialmente no trabalho dos editores de política. É possível noticiar os fatos sem opinar, ou opinar politicamente sem considerar fatores como patrocinadores e financiadores deste ou daquele produto, desta ou daquela idéia política? Até que ponto a isenção e objetividade defendidas por muitos jornalistas são compatíveis com a prática diária da profissão? No jornal *A Noite*, principalmente no período em que esteve arrendado, a prática jornalística implicou necessariamente no engajamento político.

Norberto Bobbio demonstra preocupação com a questão do engajamento intelectual e a sua responsabilidade no exercício do poder ideológico. Segundo ele, “os meios com os quais

os intelectuais podem tornar conhecidas e fazer valer as suas próprias idéias (se as têm ou mesmo se não as têm) são enormes. (...) Nosso auditório dilatou-se desmesuradamente. De limitado a uma região, a um território, a uma cidade, tornou-se nacional”¹⁸. Assim, para o autor, aumenta também a responsabilidade do intelectual ao expor suas idéias. Mais do que nunca ele tem o dever de calcular, antes de agir, as consequências das próprias ações, e ter consciência das consequências das suas ações.

Para o historiador Russel Jacoby o problema não é a responsabilidade ou a ação engajada dos intelectuais. Para ele, há uma grave diminuição no número de grandes pensadores na contemporaneidade¹⁹. Debatendo a questão intelectual e tendo como ponto de partida a experiência norte-americana, Jacoby acredita que este fato está ligado à especialização demasiada da atividade intelectual e sua institucionalização, graças às exigências do mercado, contribuindo para o afastamento desta figura da esfera pública. Na contemporaneidade, o intelectual precisa ter contatos e conexões com universidades e pessoas importantes para se estabelecer, e não mais participar publicamente da sociedade.

“Os intelectuais mais jovens não mais necessitam ou desejam, um público amplo; eles são exclusivamente professores; os campi são seu lares, os colegas suas audiências; as monografias e os jornais especializados, seu meio de comunicação”²⁰.

Reduzidos a uma atuação unicamente acadêmica e muito especializada, estes intelectuais tornaram-se invisíveis para o grande público. Os jornalistas, de alguma forma, atuaram neste espaço deixado pelos intelectuais, especialmente através das colunas e textos opinativos. No jornal *A Noite* eles fizeram as vezes de intelectuais ao interpretar os fatos que ocorriam na esfera política nacional, contribuindo para a difusão de sua visão de mundo contrária ao trabalhismo de Jango. Posicionaram-se criticamente frente a realidade, escolhendo um viés específico de análise, e se engajaram na disputa política que ocorria na época.

Assim, considerando a inclusão do jornalismo na perspectiva da atuação intelectual, podemos refletir sobre a atuação do jornal *A Noite* durante as eleições de 1962 em seu componente ideológico. O periódico teve uma participação orgânica na divulgação de idéias favoráveis às atividades políticas e econômicas do IBAD e seus associados, foi um dos componentes que ajudaram a exercer o poder ideológico na sociedade através das notícias e opiniões publicadas em suas páginas e agiram engajadamente na cobertura dos acontecimentos políticos da época. Tornaram-se meio de difusão da mensagem de oposição ao PTB e favorável aos grupos conservadores da política nacional.

Desde o seu surgimento na Europa do século XVII, os jornais contribuíram para a formação da opinião pública e fomentaram o debate de idéias, ainda que haja dificuldades para aplicar o conceito de opinião pública ao caso brasileiro. No campo da política, a imprensa foi utilizada muitas vezes para divulgar idéias e valores que interessavam aos seus donos ou financiadores. Como lembrou Habermas²¹ ao detalhar o surgimento da opinião pública britânica e dos jornais de oposição. Através do debate de idéias, estes veículos procuravam favorecer o campo político do qual faziam parte, para que estes se desenvolvessem e alcançassem a hegemonia na sociedade. Exerciam, assim, um papel intelectual orgânico, no conceito de Gramsci. Ao mesmo tempo, viam na difusão de idéias e valores favoráveis ao seu campo político a possibilidade de exercer o poder ideológico sobre seus leitores, considerando a reflexão de Bobbio.

A idéia de que a opinião de um jornal, ou seja, seu espaço de reflexão sobre a realidade, tem um preço e pode ser comprado está inserida neste contexto. Mesmo com problemas financeiros e uma circulação diminuída, o espaço opinativo de um jornal, o local que ele reserva para a análise e interpretação do mundo, tem grande valor. No caso de *A Noite* esse valor chegou a ser quantificado, era de dois milhões de cruzeiros por mês. O

arrendamento do jornal pela *Incrementadora de Vendas Promotion* não mudou radicalmente a opinião do jornal, apenas acirrou oposições, mas abriu uma prerrogativa preocupante. Opiniões podem ser compradas? Existe um preço para o editorial de um veículo de imprensa? Em *A Noite* isto existiu abertamente, sem qualquer mal-estar durante os dois meses e meio em que se desenrolaram os momentos finais das eleições de 1962.

Referências Bibliográficas

- AZEVEDO, Fernando Antônio. *Imprensa, cobertura eleitoral e objetividade: a eleição de 2000 na capital paulista*. Opin. Publica vol.7 no.2 Campinas Nov. 2001
- BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa – Brasil 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007
- BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o Poder*. Trad. São Paulo: UNESP, 1997.
- DREIFUSS, René Armand. *1964: A Conquista do Estado*. Petrópolis: Vozes, 1981. 2 edição.
- GRAMSCI, Antonio. *A formação dos Intelectuais*. In Os Intelectuais e a Organização da Cultura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- JACOBY, Russel. *Os Últimos Intelectuais*. Trad. São Paulo: Edusp, 1990.
- MARQUES DE MELO, José. *A Opinião no Jornalismo Brasileiro*. São Paulo: Vozes, 1985.
- SAROLDI, Luiz Carlos, MOREIRA, Sonia Virgínia. *Rádio Nacional, O Brasil em Sintonia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- WINOCK, Michel. *O fim dos intelectuais?* In O Século dos Intelectuais. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

* Jornalista e historiadora, mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e pesquisadora do Núcleo de Identidade Brasileira e História Contemporânea (NIBRAHC) da mesma universidade.

¹ BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa – Brasil 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 59.

² SAROLDI, Luiz Carlos, MOREIRA, Sonia Virgínia. *Rádio Nacional, O Brasil em Sintonia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 30 - 31.

³ Ibid. p. 32 - 33.

⁴ BARBOSA, Marialva. Op. cit. p. 93.

⁵ SAROLDI, Luiz Carlos, MOREIRA, Sonia Virgínia. Op. cit. p. 54.

⁶ BARBOSA, Marialva. Op. cit. p. 120.

⁷ Ibid. p. 121.

⁸ CPI do IPES e do IBAD, Acervo do Instituto Presidente João Goulart - IPG.

⁹ CPI do IPES e do IBAD, Acervo do Instituto Presidente João Goulart - IPG.

¹⁰ Jornal *A Noite*, Rio de Janeiro, 1º de setembro de 1962.

¹¹ GRAMSCI, Antonio. A formação dos Intelectuais. In Os Intelectuais e a Organização da Cultura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

¹² Ibid. p. 8.

¹³ BOBBIO, Norberto. Os intelectuais e o Poder. Trad. São Paulo, UNESP, 1997. p. 7.

¹⁴ Ibid. p. 11.

¹⁵ Ibid. p. 11.

¹⁶ FIORIN, José Luiz. *Linguagem e Ideologia*. São Paulo: Editora Ática, 1998.

¹⁷ Ibid. p. 21 e 22.

¹⁸ BOBBIO, Norberto. Op. Cit. p. 93 e 94.

¹⁹ JACOBY, Russel. Os Últimos Intelectuais. Trad. São Paulo, Edusp, 1990.

²⁰ Ibid. p. 98.

²¹ HABERMAS, Jürgen. Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.